



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento De Sociologia

Trabalho de Fim do Curso

Política e Carisma: *O Caso de Afonso Dhlakama (2013-2017)*

Autor: Luís Baptista

Supervisor: Dr. Obede Suarte Baloi

Maputo, Outubro de 2017

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Título:

Política e Carisma: *O Caso de Afonso Dhlakama (2013-2017)*

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos
para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade
Eduardo Mondlane

Autor:

Luís Baptista

Supervisor:

Dr. Obede Suarte Baloi

Maputo, Outubro de 2017

**Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a
Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane**

Luís Baptista

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Supervisor: Dr. Obede Suarte Baloi

O Júri

O Supervisor	A Presidente	O Oponente
<u>Dr. Obede Suarte Baloi</u>	<u>Prof. Dr.^a Nair Teles</u>	<u>Dr. Neto Sequeira</u>

Maputo, Outubro de 2017

Declaração de Honra

Eu, *Luís Baptista*, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso de Licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau académico, ou outro fim, tendo sido resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

Autor

(Luís Baptista)

Maputo, Outubro de 2017

Dedicatória

Ao *Baptista Luís*, que agarrou-me à mão e não me deixou cair ao tropeço.

À *Luísa Vasco Checo*, pela educação que deu-me.

Agradecimentos

À Deus por tudo que tem feito na minha vida. Que seria de mim, ó Senhor, sem as suas infinitas misericórdias?

Ao meu supervisor, Dr. Obede Suarte Baloi, vão os meus sinceros agradecimentos pela paciência que teve ao me orientar e pelos conselhos como: “*Luís, apegate a teoria e aos conceitos, para já, faz ciência! Não importa o que acontecer depois*”.

Aos docentes do departamento de Sociologia, em especial a Prof. Dr. Severino Ngoenha, pelas riquíssimas lucubrações filosóficas e por ter-me tornado africano.

À turma de sociologia à qual pertenci, muito obrigado por tudo. Vocês marcaram-me profundamente e levo comigo uma parte especial de cada um de vós. Sucessos, vemo-nos algures.

À *Sandra Macalane*, nos tempos difíceis em ti recorro pois nada é melhor que ser ouvido e pelo seu amor. Obrigado por me dares a razão de viver: *Genesis*.

Aos meus irmãos, Basílio (*Poeta Visionário*), Faira e Melvia pela vossa paciência pois, fui um mano ausente.

Aos meus amigos, vai um abraço XL!

Epígrafe

“A função da ciência é transformar em problema o que é evidente por convenção”

MAX WEBER (1995, p: 370)

Resumo

O presente trabalho enquadra-se nos estudos sobre a política em Moçambique. O argumento principal é que uma maneira importante de compreender Afonso Dhlakama, enquanto fenómeno político, é através do conceito weberiano de carisma. Assim recorrendo à sociologia da dominação de Max Weber explora-se o potencial interpretativo do conceito de carisma para alarga a nossa compreensão da relação que Afonso Dhlakama tem com os seguidores.

A pesquisa é baseada num estudo exploratório de documentos (vídeos) de comícios populares, conferencias e teleconferências de imprensa, entrevistas à imprensa e redação de jornais nacionais como internacionais, no período de 2013 à 2017.

Os resultados da pesquisa indicam que, não obstante Afonso Dhlakama apresentar-se principalmente como um democrata ou promotor da democracia, o tipo de relação que forja com os seguidores pode ser melhor compreendido como produto de uma crise social e, conseqüentemente, focalizado no carácter extraquotidiano do líder, cujo seguimento não é. Portanto, nem por causa uma suposta tradição, ou mesmo por um quadro estatutário ou legal. O material compulsado tipifica situações de liderança carismática em que o líder tem uma expectativa correspondida de seguimento, mesmo não obedecendo ou se guiando pela lei.

Palavras-Chave: *Dominação; Carisma; Dominação Carismática; Afonso Dhlakama*

Abstract

This paper is part of the studies on politics in Mozambique. The main argument is that an important way to understand Afonso Dhlakama as a political phenomenon is through the Weberian concept of charisma. Thus using the sociology of domination of Max Weber explores the interpretative potential of the concept of charisma to broaden our understanding of Afonso Dhlakama's relationship with followers.

The research is based on an exploratory study of documents (videos) of popular rallies, conferences and press conference calls, press interviews and the writing of national and international newspapers, from 2013 to 2017.

The results of the research indicate that, despite Afonso Dhlakama appears primarily as a democrat or promoter of democracy, the kind of relationship he forges with followers can best be understood as the product of a social crisis and therefore focused on the extra-marital character of the leader, whose follow-up is not. Therefore, neither because of a supposed tradition, or even by a statutory or legal framework. The coerced material typifies situations of charismatic leadership in which the leader has a corresponding expectation of follow-up, even not obeying or being guided by the law.

Keywords: *Domination; Charisma; Charismatic Domination; Afonso Dhlakama*

Índice

<i>Declaração de Honra</i>	<i>i</i>
<i>Dedicatória</i>	<i>ii</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>iii</i>
<i>Epígrafe</i>	<i>iv</i>
<i>Resumo</i>	<i>v</i>
<i>Abstract</i>	<i>vi</i>
<i>Introdução</i>	<i>1</i>
1 Da Revisão de Literatura à Construção do Problema de Pesquisa	4
2 Enquadramento Teórico e Conceptual	16
2.1 Quadro Teórico	16
2.2 Quadro Conceptual	18
2.2.1 <i>Fenómeno Social (Afonso Dhlakama)</i>	18
2.2.2 <i>Dominação</i>	19
2.2.3 <i>Carisma</i>	19
2.2.4 <i>Dominação Carismática</i>	20
3 Procedimentos Metodológicos	21
3.1 Constrangimentos da Pesquisa.....	22
4 Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados	23
4.1 Contexto Histórico do Fenómeno social de Afonso Dhlakama	23
4.2 Levantamentos do Material de Análise.....	25
5 O Carisma de Afonso Dhlakama	26
5.1 Momentos Chaves.....	26
5.2 Evidências da Dominação Carismática de Afonso Dhlakama	28
6 A Dominação Carismática de Afonso Dhlakama	32
6.1 Pronunciamentos Não Partidários	32
6.1 Capacidade Discursiva inigualável	33
6.2 Relação Específica com as Massas	33
6.3 Moldura Humana	35
6.4 Missão por Cumprir	37
Considerações Finais	39
Referências Bibliográficas	41

Introdução

O presente trabalho tem como tema: “*Política e Carisma: o caso de Afonso Dhlakama (2013-2017)*”. É um estudo que visa compreender a política em Moçambique através do estudo de seus actores contemporâneos chave, Afonso Dhlakama. O argumento principal é que uma maneira importante de compreender Afonso Dhlakama, enquanto fenómeno político, é através do conceito weberiano de carisma. Assim recorrendo à sociologia da dominação de Max Weber explora-se o potencial interpretativo do conceito de carisma para alarga a nossa compreensão da relação que Afonso Dhlakama tem com os seguidores.

A proeminência de Afonso Dhlakama no campo político moçambicano pós-guerra parece incontornável. De líder de um movimento guerrilheiro que combateu o Governo da Frelimo (1976-1992) ascendeu e permanece o segundo mais votado em todas as eleições presidenciais realizadas desde 1994.

Embora a literatura sobre líderes carismáticos seja vasta, em Moçambique tem sido amplamente aplicada seja nos estudos das religiões ou a Samora Machel (por exemplo, Serra 1995; Ngoenha 2009). Estranhamente, e embora Carlos Serra (2003), já tenha chamado atenção à necessidade de se estudar Afonso Dhlakama, não há até agora registo de um estudo sociológico que explore a noção de carisma para a compreensão de um fenómeno tão marcante da política em Moçambique contemporâneo.

Do ponto de vista de procedimento, procuramos, primeiro, contextualizar Afonso Dhlakama como um fenómeno social; identificar nos pronunciamentos de Afonso Dhlakama os momentos em que a nosso ver, mais característicos de sua liderança, actua como líder carismático e não como um mero presidente de um aparato partidário; verificar o nível de participação da população nos comícios populares de Afonso Dhlakama; mostrar como as massas que aderem aos comícios populares ajudam na construção de carisma de Afonso Dhlakama; descrever os momentos chaves da liderança carismática de Afonso Dhlakama.

O material empírico desta pesquisa é constituído por vídeos de comícios populares e de entrevistas de Afonso Dhlakama nos canais de televisão nacional e internacional, as declarações à imprensa, as conferências de imprensa, as teleconferências de imprensa e os artigos de jornais nacionais e internacionais. De um total de 34 vídeos pesquisados foram seleccionados por *amostra intencional* e transcritos 22 correspondendo a um total de 98

minutos que melhor traduziam o tipo de relação entre Afonso Dhlakama e seus seguidores. A escolha deste material corresponde a uma opção metodológica importante, que valoriza o mundo *natural* (no sentido etnometodológico) de sua produção.

O presente trabalho segue a seguinte estrutura: introdução, onde apresentamos e clarificamos o nosso tema. Trazemos os nossos objectivos quer gerais como específicos. Justificamos a pertinência e relevância sociológica do nosso estudo e apresentamos os procedimentos metodológicos que usamos a quando da realização do estudo.

O primeiro capítulo da pesquisa diz respeito à revisão da literatura. Onde apresentamos a discussão de vários autores ao nível de teórico assim como empírico. Encontramos consensos e rupturas teóricas e dentro disto, construímos o problema de pesquisa que constitui o fio condutor da nossa pesquisa. E logo após a questão de partida formulamos a hipótese de pesquisa. O segundo capítulo nos remete ao quadro teórico e conceptual. Aliamos a teoria da Acção Social e a Sociologia de Dominação de Max Weber. E em seguida, definimos e discutimos e operacionalizamos os conceitos principais da nossa pesquisa.

O terceiro capítulo da pesquisa se refere aos procedimentos metodológicos e técnicos usados na recolha dos documentos. Fazemos menção ao número de comícios populares, entrevistas, conferências e teleconferências e o local em que os mesmos foram proferidos ou realizados. Também fazemos menção aos constrangimentos que a pesquisa teve que enfrentar ao longo da sua realização.

O quarto capítulo se refere a apresentação, análise e interpretação dos documentos que foram tomados em consideração. O primeiro subcapítulo se refere à contextualização histórica e a construção do fenómeno político de Afonso Dhlakama e o segundo subcapítulo diz respeito ao levantamento do material mediante as datas e locais na sua realização.

O quinto capítulo da pesquisa nos remete a construção do carisma. E tem como primeiro subcapítulo, os momentos chaves da construção do carisma por parte do fenómeno político de Afonso Dhlakama. E o segundo subcapítulo, são as evidências da dominação carismática de Afonso Dhlakama na arena política de Moçambique.

O sexto capítulo ocupa-se buscar no fenómeno social de Afonso Dhlakama as características da dominação carismática. Tem como primeiro subcapítulo, os pronunciamentos de Afonso Dhlakama que nos remetem a um líder das massas e não presidente do partido. O segundo subcapítulo, faz referência a relação específica que o fenómeno de Afonso Dhlakama trava

com as massas que aderem aos comícios populares. O terceiro subcapítulo, diz respeito a capacidade discursiva que dificilmente se acha noutro líder que não seja carismático. O quarto subcapítulo, faz menção à moldura humana que se assiste nos comícios populares de Afonso Dhlakama. O quinto subcapítulo, nos remete a dupla missão que as massas confiaram a Afonso Dhlakama.

1 Da Revisão de Literatura à Construção do Problema de Pesquisa

Neste capítulo procurámos trazer a síntese dos objectivos, argumentos e conclusões avançados por cada autor consultado no período da revisão de literatura. Constatamos alguns aspectos consensuais nas abordagens e posicionamentos de alguns autores, e outros fizeram rupturas com as abordagens clássicas sobre um líder carismático. Porém, a exposição deste debate e o nosso posicionamento estão abaixo sustentados. A nossa pergunta de partida vem exposta após a discussão dos autores consultados.

A dissertação de Laurence Rees intitulada *“O Carisma de Adolf Hitler: o homem que conduziu milhões ao abismo”* (2013). O autor sustenta que após o término da primeira guerra mundial, a Alemanha se encontrava vencida e mergulhada numa crise política e económica porque por um lado tinha sido atribuída a culpa pelos danos causados e por outro lado perdeu as suas colónias em África. Rees (2013), sustenta que a Alemanha do pós-guerra atravessava uma crise que fraquejava o povo alemão. Em 1922, apareceu um homem de nome Adolf Hitler, que fez um discurso motivador e que rejuvenesceu a Alemanha. *“...Quando ele falou sobre a desgraça da Alemanha, eu me senti pronto para avançar no inimigo. Seu apelo à hombridade alemã era como um chamado à batalha, era como se ele pregasse um evangelho de verdade sagrada. Ele parecia outro Lutero. Fiquei alheio a tudo, menos àquele homem. Olhando em volta, vi que seu magnetismo prendia milhares de pessoas, como se fossem uma só.”* (Kurt Ludecke apud Rees, 2013. p. 20).

Para Laurence Rees (2013), a crise não só era económica e política mas, também espiritual, pois os alemães se questionavam quem era culpado pelos tempos difíceis que viviam. E Adolf Hitler, se dizia capaz de responder essa questão, daí que estruturou os seus discursos para provocarem uma reacção emocional. E respondeu ao povo que os judeus eram culpados por tudo que estava acontecendo devido ao capitalismo e a crença no comunismo, que aniquilá-los era a primeira via.

O povo alemão apoiou Adolf Hitler. Viam a ele como um salvador, como alguém que tiraria a Alemanha das dívidas e humilhações internacionais, acima de tudo acabaria com as classes sociais porque para a nova Alemanha existir todos tinham que se unir e lutarem juntos contra os judeus e não arianos. Daí começa a liderança de Hitler porque transmitia um carisma tão forte que as pessoas acreditavam em qualquer coisa que ele dissesse.

A dominação carismática de Fidel Castro (1952-1960) de Rafael Saddi Teixeira. O trabalho se preocupa em estudar o surgimento até à consolidação da liderança carismática de Fidel Castro. Tratava-se de um momento marcado pela força simbólica da noção de república, democracia, independência nacional e sua contradição, o golpe de estado dado por Fulgêncio Batista em 1952 e a reação dos políticos tradicionais do país, contribuiu para o descontentamento do povo que apoiou a revolução cubana de Fidel.

Esta revolução culminou com o triunfo do socialismo implementado por Fidel Castro, todo um mundo antigo foi visto ruir a cada passo do governo revolucionário. As transformações foram postas em um ritmo quase mágico e o sonho e o mundo novo exaltava as esperanças de grande parte dos cubanos. Posto isso, Teixeira questiona como foi possível consolidar as chamadas revolucionárias? A resposta foi de que Fidel Castro realizava vários “milagres” que provavam a todo instante que o líder possuía de facto o ‘dom da graça’. Impunha limites à burocratização e a dedicação exclusiva dos séquitos à causa maior e ao líder que a encarnava. E por fim, através da criação de uma paranoia coletiva que visava manter o ambiente de guerra, de luta, de medo, de esperança e de dedicação característicos da período de luta revolucionária.

Para Teixeira (2004), as grandes crises políticas geram líderes revolucionários, pois os indivíduos almejam um líder que possa melhorar a sua condição social e política, alguém que possa responder as aflições de forma satisfatória. Fidel Castro inspirava esse homem nos seus discursos por renovava, incentivava e reanimava a causa pela qual o povo lutava.

Outro trabalho de extrema relevância para nosso trabalho, pertence a Hélio Bento Maúngue, com o título *Para Uma Sociologia Do Carisma Na Atualidade: Ensaio Para Leitura Do Carisma De Samora Machel* (2014), busca analisar o carisma que está para além da dominação carismática, o porquê de Samora Machel continuar no imaginário do povo não obstante a sua morte. De entre vários factores que o autor avança, destaca os seus discursos, entrevistas e intervenções, e uma vida dedicada a trazer mudanças na sociedade moçambicana.

Maúngue (2014), a relação entre Samora Machel e o povo era emocional de tal maneira que na contemporaneidade, os actores sociais buscam recuperar essa relação invocando os seus discursos e feitos. Samora se tornou um fenómeno social pela apropriação do seu carisma, os

políticos, de diversos partidos, nas datas comemorativas e campanhas eleitorais usam para conquistarem o eleitorado.

Na resolução das diferenças políticas do Estado, no imaginário popular, Samora Machel continua mais vivo que quando estava vivo, regressou dos mortos em forma de memória colectiva, daí que, este ambiente de saudosismo e de crescente nostalgia é visível nos transportes públicos, nas lojas, nos mercados populares, no comércio informal, nas casas em sons de aparelhos audiovisuais como rádio, gravadores, discos compactos e vídeos, nas *t-shirts*, tatuagens corporais, nos chapas e nas pinturas em grafite nos murros das cidades (Patrício Langa *Apud* Maúngue, 2014).

O autor sustenta ainda que este uso sociocultural da personalidade samoriana, é uma forma de contestação do dirigismo político atual que não se pauta pelos ideais socialistas característicos da governança samoriana, cuja marca era sua preocupação com o bem-estar social do povo, principalmente daquela camada mais pobre da população. Nestas manifestações está visível que Samora é ainda hoje, passados tantos anos de sua morte, visto como o Messias que “salvará” o povo reativando os sentidos da vida, trazendo a justiça social.

A imagem de Samora torna-se um produto comercializável, ocorrendo uma apropriação e uso socioeconômico da figura e personalidade de Samora. Este uso foi empregado por artistas, do teatro e da música, para que seus produtos fossem objeto de atração e de desejo por parte do público consumidor. Daí que, sustenta que a apropriação e uso da personalidade samoriana por diferentes atores sociais e para fins políticos, socioculturais e socioeconômicos, faz com que, mesmo depois de morto, o carisma de Samora Machel mantenha-se vivo e presente no cotidiano (TEMBE, 2000 *apud* Maúngue, 2014).

Neste processo da revisão da literatura, também consultamos o artigo de Bert Hoffman, intitulado *Charismatic Authority and Leadership Change: Lessons from Cuba's Post-Fidel Succession*¹ (2009). O autor recorre a autoridade carismática de Max Weber, pois este sustenta que a dominação carismática leva consigo o problema de sucessão do líder. O que não aconteceu no caso particular de Cuba. Pois a sucessão foi pacífica. Isso leva Hoffman a

¹ Autoridade Carismática E Mudança De Liderança: Lições Da Sucessão Pós-Fidel De Cuba, artigo de Bert Hoffman (2009)

seguinte questão: como foi possível o regime cubano de Fidel Castro organizar uma sucessão gradual e ordenada?

Segundo Bert Hoffman (2009), Weber esboçou, para o problema de sucessão inerente a liderança carismática, possíveis tipos de soluções, como a morte do líder, a revelação por oráculos ou a transmissão por hereditariedade, porém, todos eles acabam gerando um clima de tensão ou crise, enquanto, para o caso da Cuba não verifica essa tendência.

Devido a essa tendência de ausência de crise na sucessão do poder em Cuba, Hoffman (2009), vai se centralizar em buscar as causas da ausência da crise estudando a transição da autoridade carismática e não a transição para a democracia. Raúl Castro não foi eleito mas, sim nomeado por Fidel Castro, para o substituir durante o período em que este foi submetido a uma cirurgia que a recuperação levou cerca de dois anos, até que o mandato do Fidel findasse. O conselho de Estado e de Ministro de Cuba nomeou Raúl Castro, “Fidel é o partido, Raúl é o partido”.

Enquanto Max Weber nos ensina que para não haver conflito ou crise na sucessão de uma liderança carismática o caso da Cuba é único porque o líder foi substituído ainda em vida e não houve crise. Pois, o sucessor era da mesma hereditariedade e já vinha sendo preparado para um dia exercer o cargo maior da ilha de Cuba, ou seja, a sucessão foi gradual, este foi o primeiro substrato para inexistência da crise. Mas, devemos considerar que o sucessor, Raúl Castro, usou, primeiramente, a legislação do líder Fidel.

Para Hoffman (2009), a segunda causa para a inexistência do problema de sucessão em Cuba deve-se ao facto da transnacional do carisma, ou seja, Fidel Castro concedeu o poder do Estado cubano a Raúl Castro, mas a luta pela emancipação do terceiro mundo outrora instrumentalizado fez com que transferisse a sua autoridade carismática para o líder da revolução bolivariana, Hugo Chávez.

A relação entre Fidel Castro e Hugo Chávez era afectiva. Ambos eram revolucionários importantes dos seus países e do continente no seu todo, daí que essa transferência de carisma, Max Weber, chamaria por meios rituais, em que Fidel passou simbolicamente a tocha da revolução latino-americana para Chávez. Essa foi a segunda razão para a inexistência da crise de sucessão em Cuba.

Na monografia intitulada *Formas De Dominação Da Massa E Governos Totalitários: (Hitler E Mao Tse -Tung)* de Nathália Rocha Ferreira (2008), a autora fala da China e do Mao Tse-Tung. A crise diplomática com os ingleses que culminou com a guerra do opio (1839-1842) pois, os Chineses já não queriam as trocas comerciais pois isso trazia uma visão modernizante no povo, enquanto eles preferiam ser conservadores. O Japão acreditava que tem direitos sobre o território chinês por isso, o atacou. E apoiou a Coreia na sua separação e consequente independência da China. Esses ataques culminaram com a renúncia da dinastia Qing (que estava no poder), e a China passa por um período de incertezas políticas.

Para Ferreira (2008), os intelectuais chineses começaram a se dividir entre aqueles que optavam pela corrente tradicionalista conservadora que pensava que o mal vinha do ocidente e outra corrente modernizante que pensava que o problema da China tinha que ver com a não abertura da mesma face as novas transformações internacionais. Foi neste período que nasce Mao Tse-Tung. Este juntou os dois movimentos que já estavam numa guerra civil e formou o partido comunista da China, onde em janeiro de 1935 foi nomeado líder do partido.

Mao Tse-Tung durante o seu mandato no partido comunista Chines, acabou com a guerra civil e internacional, e também trouxe a chamada revolução cultural onde buscou ensinar ao povo chinês os modos de convivência uns com os outros. As massas viram-no como o líder que lhes representava, e construíram nele a liderança carismática. Que Max Weber nos diz que tem que ver com a confiança depositada pelas massas num determinado líder, Mao Tse-Tung foi este exemplo de líder.

Na obra intitulada *Combates Mentalidade Sociológica* Carlos Serra (2003), propõe na primeira parte discutir as crenças anómicas de massa. Este conceito “crenças anómicas de massa” deriva do facto de em primeiro lugar, serem crenças que se originam num contexto cujas crises de várias ordens criam a uma ambiente propício para a desordem social, desordem esta que chamou anomia; num segundo momento, estas crenças derivam do facto de a maior parte da população de um determinado contexto social acreditar nelas e estruturar através delas o seu quotidiano, de uma forma elucidativa, Carlos Serra (2003) assegura que “os principais fenómenos de crença nascem em situações de crise, de mudança social e de anomia”.

A crença que interessa-nos é o “Samorismo” porque demonstra que ele foi um líder carismático no período em que exerceu a dominação política em Moçambique. Tomado por

Serra como sendo a situação que o país atravessou nos seus primeiros anos de independência. Esta situação é caracterizada por um cenário de crises terríveis e de uma privação estrondosa de bens de consumo causadas pela opressão colonial portuguesa e pela ausência de quadros formados que pudessem ajudar o iniciante governo moçambicano a tomar as rédeas do país. Assim, num contexto catastrófico de crises e privação alimentar e social, surgiu a crença de que o líder da Frelimo de então, Samora Machel, seria a solução para os problemas que a sociedade moçambicana enfrentava.

De acordo com Carlos Serra, o Samorismo surgiu num espaço anómico duplo. O primeiro espaço anómico identificado pelo autor reside no desregramento que se devia a um fenómeno exacerbado de colonização tradicionalizada e, igualmente, na realidade da tradição oprimida e colonizada. Assim, de acordo com Serra (2003), havia ao longo do período pós-independência uma realidade social marcada pelos resultados da relação dialéctica que se verificou entre as tradições moçambicanas e o colonialismo português. Isto é, ao mesmo tempo que o colonialismo oprimia o povo moçambicano, este ia se instalando de forma quase que tradicionalizada, e ao mesmo tempo que o colonialismo se tradicionalizava, a tradição, por sua vez, ia sendo cada vez mais colonizada e oprimida. O segundo espaço anómico identificado por Serra corresponde ao facto de o Samorismo ter sido uma crença que se comprometia cada vez mais com um futuro não concretizado. Isto é, o Samorismo era para além de uma crença anómica, uma forma de olhar ansiosamente o futuro por construir.

Assim como as outras crenças anómicas de massa o Samorismo surgiu como uma forma de manifestação ou expressão da carência de bens de consumo. Os bens de consumo adoptados na linguagem de Serra (2003) não podem ser compreendidos no sentido literal, Serra assegura no seu trabalho que os bens de consumo não podem ser vistos apenas no sentido de pão, água, vestuário, etc.; estes também podem ser vistos como um conjunto de esperanças, utopias e visões de mundo. Desta forma, a Samorismo surge como uma crença anómica de massa que conseguiu suprir a necessidade de bens de consumo visto que este não apenas tentou suprir as carências alimentares, mas tentou, igualmente, oferecer aos moçambicanos uma esperança de futuro melhor e uma maior liberdade de sonhar com um estilo de vida que fosse diferente do vigente no período pós-independência. Serra (2003), foi bastante elucidativo ao definir o Samorismo como sendo um “conjunto de crenças, de práticas e de métodos utópicos que se estruturou no imaginário popular por consenso e por recusa”.

No conjunto das três formas de dominação legítima abordadas por Weber, Serra (2003) analisa o Samorismo como sendo a dominação exercida e que tem como personagem Samora Machel. Serra (2003) advoga que o período pós-independência moçambicana é caracterizado pela liderança carismática de Machel, a ideologia propalada por este e o seu grupo político oferecia os bens de consumo dos quais a maioria dos moçambicanos carecia. As políticas adoptadas por Machel se encontravam fundamentadas no marxismo-leninismo. Esta orientação ideológica exigia que se rompesse com todo um passado marcado por opressões que se espelhavam em tradicionalismos e religiosidades. Samora Machel pretendia, através da sua intervenção, “matar a tribo para fazer nascer a nação”.

Assim, o Samorismo não se orientava com base na nostalgia do passado, orientava-se com base no engajamento e luta pela construção de um futuro melhor, como disse Samora numa das suas populosas intervenções “lutaremos por um país onde floresçam a liberdade, a dignidade, o amor entre os homens; um país onde os nossos filhos possam crescer saudáveis e felizes. Foi por esses objetivos que o povo lutou desde sempre, foi por esses objetivos que de novo aceitamos sacrifícios” (Fonte áudio Visual). A explicação do não comprometimento do Samorismo com o passado ou com o presente é defendida por Serra (2003) da seguinte forma, “[o Samorismo] ele provoca vertigens, a surpresa a juventude dos actos possíveis, as pessoas aderem generalizadamente ao futuro pondo o passado e o presente momentaneamente entre parêntesis” Serra (2003) vai ainda mais longe ao afirmar que “o Samorismo não é uma aposta sobre o presente ou uma ponte estendida para o passado, ele aparece como uma solução irreduzível do futuro”.

Serra (2003) seguindo Weber, defende que o carisma é definido por um conjunto de características que os indivíduos apresentam. Mas eis a questão: serão essas características extra-quotidianas apresentadas pelos indivíduos intrínsecas a eles? Baseando-se em Weber, Serra assegura que só aparentemente o carisma pode ser intrínseco. “A extra-quotidianidade não é uma essência, um atributo, mas o produto concreto da relação líder/massas” (Serra, 2003: p.34). Este quando lançado um olhar pormenorizado, mostra-se um produto das relações sociais e não necessariamente intrínsecos indivíduos. Isto é, o carisma não é, à luz de Max weber algo resultante de características biológicas, mas sim um produto relacional. Tomar o carisma como um produto de relações sociais nos permite evidenciar que é o contexto social que cria um indivíduo carismático. A dimensão relacional do carisma nos elucidada que se tivessem nascido em outros contextos sociais indivíduos carismáticos da

dimensão de Machel ou de Fidel Castro talvez não apresentassem o mesmo impacto e importância que apresentaram. Para dar alicerces a esse ponto Serra (2003) defende que “o Samorismo é menos o conjunto de atributos possuídos “em si” por Samora, do que o conjunto de expectativas (elas também utópicas) e de identificações projectadas pelas pessoas em Samora.

À luz de Weber percebemos que os líderes carismáticos são produto do tempo em que vivem, em poucas palavras diremos que é o tempo que faz o carisma e não necessariamente o actor social tomado como carismático. Assim, os líderes carismáticos não surgem incondicionalmente. Estes surgem como produto de um período conturbado e cheio de questões que precisam de respostas plausíveis. Parafraseando Weber, os tempos de crise são os mais propensos ao surgimento de líderes carismáticos. O estudo de Serra (2003), fundamentando-se nos pressupostos básicos de teoria de dominação de Weber demonstra que Machel, assim como os outros líderes carismáticos, surgiu também numa altura crítica para o povo moçambicano. Num contexto de miséria, fome, nudez e privações de variadas ordens surge Machel apregoando os valores do socialismo, a abolição da exploração do homem pelo homem, a luta pela criação de um homem novo pronto à viver no mundo novo. Para Serra (2003) “ o desregramento e a desregulamentação do sistema colonial provocam de imediato um estado de anomia generalizado. É aqui onde o samorismo surge como uma alternativa, como um reactivador do sentido da vida”.

Em suma, Carlos Serra (2003), podemos aprender sobre a autoridade carismática de Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique independente. Ele dirigiu Moçambique de 1975 até ao seu trágico acidente em 1986. Este período Serra (2003), chama de Samorismo, enquanto Severino Ngoenha (2009) chama de primeira república. Dentre os problemas que Moçambique atravessava, o de um país recém-independente e que queria traçar o seu próprio destino ou escrever a sua própria história era de maior relevância. O passado tinha que ser temporariamente esquecido, o presente tinha que se engajar com o futuro, daí gerar utopias para responder a esses sonhos. As massas identificaram Samora Machel como o Líder carismático capaz de conduzir o povo rumo ao futuro.

Elísio Macamo (2006), sustenta que Samora Machel deve ser compreendido contexto ideológico-político. “A Frelimo revolucionária dos anos imediatamente a seguir a independência não foi o que foi porque teve o líder que teve na altura; pelo contrário, o líder é que foi assim porque a Frelimo revolucionária daqueles tempos via o mundo naqueles

termos” (Macamo, 2006. Apud Langa, SD). De qualquer forma, naquela época histórica, qualquer um podia ter sido um Samora Machel, se distancia um pouco da perspectiva de Carlos Serra (2003).

Dos líderes carismáticos mais recentes na história universal, foi o venezuelano Hugo Chávez que perdeu a vida em 2013. Immanuel Wallerstein, escreveu para uma plataforma eletrônica um artigo intitulado *Depois De Um Líder Carismático, O Quê?* O autor valida a proposição segundo a qual Hugo Chávez era um líder carismático e o que ele investiga neste trabalho tem a ver com a questão de que destino para a Venezuela após a sua morte.

A rotinização do carisma, segundo Wallerstein (2013), é evidente sempre que morre um líder carismático, as políticas evoluem sempre em direções que são difíceis de prever. Dai que temos que olhar para as realizações do líder morto, a relações internacionais e geopolíticas que este travou. Quanto as realizações, o autor afirma, parecem claras. “Ele usou a riqueza petrolífera da Venezuela para melhorar as condições de vida das camadas mais pobres, expandindo o seu acesso às instalações de saúde e à educação. Além disso, usou a riqueza do petróleo para subsidiar as exportações petrolíferas para um grande número de países, o que lhes permitiu sobreviver minimamente” (Wallerstein, 2013, p. 2).

Hugo Chávez contribuiu substancialmente para construir instituições latino-americanas autônomas, daí que era reconhecido pelos líderes americanos, isso se verificou no seu velório, estavam lá mais de 34 presidentes. Todas essas façanhas e falhas fazem com que questionemos a capacidade de superação e estabilização da Venezuela por parte de Nicolás Maduro, substituto escolhido por Hugo Chávez.

Ao fim das leituras, constatamos que os autores nos trazem uma abordagem consensual no que tange as autoridades carismáticas que foram existindo durante a história, líderes que mobilizaram as massas, deixaram as suas marcas no imaginário popular dos seus dados contextos. Ainda, os líderes chegaram em momentos de crise nos seus países e lideraram grandes revoluções ou ate lutas pelas suas independências. Para Rees (2013), Adolfo Hitler construiu uma autoridade carismática numa Alemanha instável e em crise. Para Teixeira (2004), Fidel Castro liderou a revolução cubana contra a ditadura. Maúngue (2014) e Serra (2003), Samora Machel foi um líder carismático de liderou moçambique na luta pela independência e na primeira república de Moçambique independente. Estes autores sustentam

a posição de Max Weber, segundo a qual os líderes carismáticos aparecem em momentos de crise.

Bert Hoffman (2009), a luz de Max Weber, aceita que as autoridades carismáticas têm dito problemas de sucessão, contudo, em Cuba não se assistiu a essa tendência. Fidel Castro foi substituído pelo seu irmão e não houve problemas de sucessão. Isso constitui uma crítica e ao mesmo tempo uma ruptura com a visão Weberiana da dominação carismática. Pois enquanto nos outros contextos como a Venezuela de Hugo Chávez se assiste problemas de sucessão, em Cuba não foi assim. Elísio Macamo (2006) e Severino Ngoenha (2009), implicitamente proclamam que o caso de Samora Machel, o problema de sucessão não houve no primeiro instante ou anos da sua morte, também não se verificou a *rotinização do carisma*². Essa abordagem mostra uma ruptura com a abordagem weberiana da dominação carismática.

Os autores acima citados comungam da ideia do carisma ser uma construção social. Essa construção é feita da relação líder e massas, pois estas depositam confiança num líder que lhes aparece como alternativa à crise. Os comícios, palestras e discursos orais ou escritos são de extrema importância, como foi no caso de Samora Machel. E o carisma vai aumentando a medida que o líder demonstra capacidades e argumentos para cumprir com a missão que lhe é confiada. Porém, que a memória colectiva sobre Adolf Hitler com um posicionamento nostálgico por um lado e por outro de fúria porque os alemães confiaram uma missão que era lhes pertinente, e o líder cumpriu sem respeitar as posições das massas, ou seja, Começou carismática e terminou em crise.

Hoffman (2009), sustenta que uma das causas que contribuiu para a inexistência do problema de sucessão em Cuba foi a transferência do carisma de Fidel Castro para Hugo Chávez, de Cuba para Venezuela. O que fez com que Raul Castro não fosse contestado pelas massas. Essa transferência de carisma o autor chama de transnacional. Max Weber não previu essa questão, daí que ela constitui uma ruptura contra a abordagem weberiana da dominação carismática chegando a uma nova teoria para dar conta da nova situação não prevista por Weber.

Com essa revisão da literatura que fizemos, constatamos que a história universal deste tipo de dominação foi efectuada por líderes de grandes revoluções, partidos ou movimentos em

² Termo usado por Max Weber para designar o vazio deixado pelo líder carismático nos seus seguidores, que por sua vez, estes tentam garantir a continuidade das suas políticas através da institucionalização.

busca de algum tipo de liberdade ou cumprindo alguma missão incumbida a ele. Para o caso que pretendemos estudar, é um líder dum partido político que faz discursos e nunca governou, o que por um lado constitui uma ruptura contra todas as dominações que já existiram. O segundo presumo, diz respeito a outro fenómeno que tem acontecido em Moçambique, onde vemos a existência dum governo e partidos políticos que usam estatutos e constituição e por outro lado a emergência da dominação carismática nos discursos de Afonso Dhlakama.

Para Max Weber, a dominação é um dos elementos mais importantes da ação social. Dai que os indivíduos quando se comunicam estabelecem entre si uma dada forma de dominação, por isso, a dominação é o alicerce de todas relações sociais. Existem dois tipos opostos de dominação, uma em virtude de uma constelação de interesses (economia), e outra em virtude de autoridade (sociologia). É no segundo que Weber desenvolve a sociologia da dominação.

Na sociologia da dominação, Max Weber, nos ensina que existem três tipologias de dominação, que são tradicional, legal e carismática. Mas, a pesquisa se centrou nas duas últimas. Pois, a legal encontra o seu fundamento racional na burocracia. Aqui existe hierarquia de cargos, documentos, funcionários profissionais, etc. tem uma finalidade impessoal, objectiva. O Estado exerce a dominação por meio das leis, e quem não obedece é sancionado e os funcionários são eleitos por meio de votos, dai nasce a ideia da democracia. A democracia é culminar de uma dominação legal porque as leis e o estado garantem que os mais competentes sejam eleitos, ou seja, sejam os que em última estância mandam para que outros obedeçam.

Na dominação carismática encontramos uma autoridade carismática, aquele que transcende todas as capacidades do homem, geralmente atribuído dons especiais, e em virtude disso, eles se incumbem a uma determinada missão, dai exerce a sua arte e a sua dominação. Em oposição a dominação legal, a carismática não conhece nenhuma forma e nenhum procedimento ordenado de nomeação ou demissão, nem de "carreira" ou "promoção"; não conhece nenhuma instrução especializada, não lhe estão atribuídos determinadas competências objectivas e, não há nenhuma instituição permanente e independente das pessoas e da existência de seu carisma pessoal. O carisma conhece apenas determinações e limites imanentes. O líder carismático assume as tarefas que lhe são considera adequadas e concedidas pela sociedade e exige obediência e adesão em virtude de sua missão.

Max Weber sustenta que a dominação carismática não obedece a nenhum pressuposto legal, ela aparece em momentos de crise para cumprir uma dada missão, daí que ela nos remete a problemas de sucessão. Daí que, o carisma é extraquotidiano.

Moçambique é um Estado regido pela dominação legal. Todos os indivíduos vivem na base de regras e normas estabelecidas pelo Estado, e todo o indivíduo que se desviar é severamente sancionado. Ou seja, ninguém é superior que o Estado. Contudo, assistimos uma dominação carismática com os comícios do líder da RENAMO, Afonso Dhlakama. A crise político-militar que se verifica nos últimos tempos em Moçambique nos remete a existência do carisma no fenómeno de Afonso Dhlakama. Porém, Max Weber diz que as duas dominações são antagónicas, nunca devem existir no mesmo tempo e mesma sociedade. Dhlakama se sobrepõe ao Estado, Dhlakama aparece em momento de crise, ele não segue a constituição nem o seu partido, pois os seus pronunciamentos não são partidários mas, pessoais e subjectivos. Todavia, tem uma vasta gama de seguidores nos comícios populares.

Para Carlos Serra (2003), as pessoas obedecem a um líder carismático por reconhecerem nele qualidades fora do comum, virtudes extraordinárias, enfim, por encontrarem o que Weber (2004) chama de qualidade extra-quotidiana. Daí que a autoridade carismática é uma construção social porque é fruto das expectativas dos indivíduos face a crise que se assiste numa dada sociedade. Serra (2003), realça ainda que nenhuma autoridade, nenhuma dominação, se exercem fora da relação líder-massas, pois, a extra-quotidianidade não é uma essência e nem um atributo.

Face a isso, Afonso Dhlakama que tem pronunciamentos fortes dos seus comícios não obstante os mesmos serem pessoais e não partidários, face a relação que estabelece com o seus seguidores que participam dos comícios e as recepções calorosas sempre que este se dirige a um dado município ou distrito, surge a questão que vai nortear o seguinte trabalho, que é a seguinte: *Como é que através do carisma podemos compreender a liderança do fenómeno social de Afonso Dhlakama em Moçambique?*

A hipótese que orientou o nosso trabalho defende que *A liderança do fenómeno social de Afonso Dhlakama é uma função das expectativas extraquotidianas (carisma) que seus seguidores constroem em relação a si (ele) e, por seu turno, tais expectativas moldam a relação entre ambos, onde a autoridade é suportada, graças a uma devoção afectiva por parte dos dominados.*

2 Enquadramento Teórico e Conceptual

2.1 Quadro Teórico

Para Elísio Macamo (2004), quando olhamos para o social fazemo-la a partir de uma certa perspectiva que através dela apreendemos a realidade de uma forma muito específica. Dai que, para compreendermos a construção e a existência do carisma por parte de Afonso Dhlakama enquanto fenómeno social, recorremos a perspectiva teórica de *acção social* e da *sociologia da dominação* de Max weber. Que foram expostas na obra intitulada *Economia e Sociedade* (2004).

Max Weber (2004) propõe uma sociologia compreensiva que tem como objecto de estudo a *acção social*. Ele concebe acção social como toda a conduta humana associada um sentido subjectivo e que transcorre tomando em consideração a presença e o comportamento do outro. Weber sustenta que esta acção é vestida de um certo sentido e atribui significado a si próprio e a outros, por isso, o individuo não age atoa, toma a presença do outro e busca alterar o seu comportamento.

O sentido da acção social tem a ver com o modo como se encadeia o processo de acção, tomando-se a acção efetiva dotada de sentido como um meio para alcançar um fim. Convém salientar que a acção social não é um acto isolado mas um processo, no qual se percorre uma sequência definida de elos significativos. (Cohn, 2003, pp. 27). Com isso, Weber pretende sustentar que a acção social tem um sentido e não ocorre à toa. Os elementos desse processo articulam-se naquilo que Weber chama de cadeia motivacional, ou seja, cada acto parcial realizado no processo da acção opera como fundamento do ato seguinte, ate completar-se a sequencia (*ibidem*).

Max Weber chama a atenção de não se confundir acção social como relação social. A acção social tem em vista alterar a conduta do outro enquanto, na relação social a conduta de cada qual entre múltiplos agentes envolvidos orienta-se por um *conteúdo de sentido* reciprocamente compartilhado (Cohn, 2003, pp. 30). Assim, um aperto de mão é uma ação social, porque a conduta de cada participante é orientada significativamente pela conduta do outro; já a amizade é uma relação social, porque envolve um conteúdo de sentido capaz de orientar regularmente a ação de cada indivíduo em relação a múltiplos outros possíveis e que portanto se manifesta sempre que as ações correspondentes são realizada (*ibidem*).

Max Weber, sustenta ainda que quanto mais racional for uma acção mais previsível será a sua compreensão. Dai que estatuiu tipologias de acção social: Em primeiro é a *Acção Afetiva* que é a que decorre de emoções e sentimentos arrebatadores; *Acção Tradicional* é a que decorre por hábitos e costumes arraigados na sociedade; *Acção Racional com Relação a valores* decorre da avaliação ética sem tomar em consideração os seus resultados finais e por fim encontramos a *Acção Racional com Relação a Fins* decorre da expectativa do comportamento de objectos do mundo exterior e deseja atingir determinados objectivos e é mais racional porque não permite que erros afectam o percurso final. Para Max Weber, ao sociólogo compete a compreensão do sentido que um sujeito atribui à sua acção e seu significado social. Contudo, Weber, chama a atenção para o fato de a acção social está exclusivamente orientada por um outro dos tipos aqui classificados e essas tipologias não passam de meros modelos conceituais puros (Moraes *et All.* 2003. Pp. 63).

A teoria da acção social de Max Weber vai dar origem a sociologia compreensiva. Onde nos ensina que a tarefa da sociologia é compreender o significado, sentido, motivo da acção dos indivíduos. E que a sociologia não toma algo como preestabelecido, tudo resulta da acção dos indivíduos na sociedade. Nesta ordem de ideias, Max Weber, na sua obra *Economia e Sociedade*, vai dedicar todo um capítulo para dar continuidade ao seu pensamento no que tange a *sociologia de dominação*.

Max Weber inicia o seu pensamento chamando atenção que a sociologia da dominação está intrinsecamente ligada a sociologia compreensiva, pois, a dominação é tomada como um dos elementos preponderantes da Acção social porque, toda a estrutura é profundamente influenciada por complexos de dominação. Com isso, Weber nos ensina que todas as sociedades contem a dominação como um dos seus alicerces principais porque Dominação é definida como a possibilidade de impor ao comportamento do terceiro a vontade próprio (Weber, 2004, pp. 188). O autor aceita a existência da dominação por meios económicos, por um lado, e a dominação por poder, por outro lado. É na segunda que este trabalho seja aprofundado por que encontramos a relação de mando e obedece no âmbito do poder político.

Max Weber (2004), sustenta que em todo o grupo dentro duma sociedade encontramos os dominantes e os dominados, o que nos remete a dominação por necessidade pois, é preciso que haja elementos que detenham o poder ou que possuam formas de autoridades legitimamente reconhecidas, e elementos que não detenham o poder. Todavia, Weber chama atenção a existência de dois tipos radicalmente opostos de dominação, onde encontramos a

dominação de uma constelação de interesses (monopólio) que nos remete a dimensão económica, os possuidores de propriedades, por outro lado, encontramos a dominação em virtude de autoridade (poder de mando e obediência) onde encontramos a dimensão política da dominação, e que é a nossa principal preocupação neste trabalho.

Para Max Weber, a relação de dominação torna necessário a adoção de mecanismos que possibilitam a sua eficiência e que garantam a execução de suas ordens. Porque a dominação é sempre resultado de uma relação social de poder desigual, onde se percebe claramente a existência de um lado que domina e outro que obedece. Por isso, a dominação se difere das relações de poder em geral por apresentar uma tendência a se estabilizar, a procurar se manter sem provocar confrontos. Ou seja, as relações de dominação dentro de uma sociedade se caracterizam por buscar formas de legitimação, de serem reconhecidas como necessárias para a manutenção da ordem social.

Weber (2004), sustenta que as tipologias de acção social estão intrinsecamente ligadas as tipologias legítimas de dominação. A acção racional com relação a fins está aliada a dominação legal que olha para os instrumentos legais como estatutos e burocracia. A acção racional com relação a valores está ligada a dominação carismática que olha para o extraquotidiano, profeta e a relação líder e massas. A acção tradicional que podemos encontrar com a dominação tradicional que olha para o comunitário e patriarcal e nem há normas jurídicas. Embora, Max Weber não deixa explícito quando aborda sobre a acção afectiva, verificamos que correlaciona-se com uma dominação afectiva, que advém das emoções e sentimentos para com o outro.

2.2 Quadro Conceptual

Nesta fase referente a conceptualização, apresentámos os principais conceitos usados no nosso trabalho e mostramos, igualmente, as definições e a operacionalização dos conceitos. E por fim demonstramos a pertinências dos conceitos para este trabalho.

2.2.1 Fenómeno Social (Afonso Dhlakama)

Fenómeno social é todo o comportamento, acções, organizações e grupos que ocorrem na sociedade. A sociologia lida com os fenómenos sociais para construir a sua problemática de pesquisa e buscar compreender o mesmo fenómeno. O nosso fenómeno é produto de

expectativas revolucionárias criadas pelos seguidores de Afonso Dhlakama em comícios populares por consenso.

2.2.2 *Dominação*

Para Max Weber (2004), dominação é a possibilidade de se obter obediência a um determinado mandato. Ele sustenta que a dominação pode ser meios económicos, que é a constelação de interesses (monopólio) que são os possuidores de propriedades, e por outro lado, encontramos a dominação por *poder* que é em virtude de autoridade (poder de mando e obediência). Desta última dominação vimos a dimensão política pois, a dominação é sempre resultado de uma relação social de poder desigual, onde se percebe claramente a existência de um lado que domina e outro que obedece. Essa obediência tem que ser legitimada pela crença social.

No nosso trabalho adoptámos o conceito de dominação como sendo a chave-mãe da relação entre o líder e as massas que ocorre nos comícios populares do líder da Renamo Afonso Dhlakama.

2.2.3 *Carisma*

Carisma é uma qualidade pessoal considerada extraquotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extraquotidiana específicos, ou então se a toma como pessoa enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como líder (WEBER, 2004, p. 158). O carisma Weberiano não é um elogio como os leigos assim o conferem, e nem é, para seus portadores, uma fonte de ganhos privados.

O carisma só existe, seja no indivíduo ou na instituição, a partir da relação de reconhecimento por parte de uma comunidade que lhe atribui sentido. O próprio Weber reconhece que *“apesar de as capacidades carismáticas não poderem desenvolver-se em nada e em ninguém que não as possua em germe, tal germe permanece oculto se não é estimulado ao desenvolvimento, se o carisma não é ‘despertado”* (Weber, 2004, p. 280). Isto significa, sobretudo, que embora o autor reconheça a existência de algo (a que chama de “dom”, sem atribuir-lhe valor, ou mesmo significado mais preciso) que está presente em determinadas pessoas por motivos (para ele) ocultos, este só se torna carisma quando é posto em

reconhecimento, mediante provas, perante a comunidade à qual pertence (Filho, 2014, p. 241).

Este conceito foi relevante para o presente trabalho porque nos remete ao reconhecimento que o líder ganha por parte das massas, ou seja, as massas vêm no líder a capacidade de lhes conduzir as expectativas criadas por estes.

2.2.4 Dominação Carismática

Para Max Weber, dominação carismática é um dos três tipos de dominação legítima. Onde o líder é obedecido de acordo com os seus feitos pois este é concedido uma missão a cumprir. Este tipo de dominação podemos encontrar nos profetas, nos magos, nos chefes das expedições de caça ou de rapina, nos chefes de guerra, nos senhores à Cesar, eventualmente nos líderes partidários, como nos ensina Carlos Serra (2003, pp. 34). Weber chama essas qualidades de extra-quotidianas. A dominação é exercida em função de revelações e de inspirações concretas, daí que é revolucionária porque se apresenta sem ligação com tudo que existe, a máxima é de “está escrito mas, eu digo-vos” (ibidem).

A relação entre líder e massas é de mando e obedeceres, porém, esta relação tem em vista uma missão, onde segundo o seu sentido e conteúdo, pode dirigir-se a um grupo de pessoas determinado por fatores locais, étnicos, sociais, políticos, profissionais, etc. (Weber, 2004. Pp. 324). Daí que, quando é “abandonado” pelo seu deus ou quando decaem a sua força heroica ou a fé dos que creem em suas qualidades de líder, então seu domínio também se torna caduco (Cohn, 2003. Pp. 135).

A dominação carismática é uma construção social, pois não é resultado das capacidades individuais de um indivíduo, contudo, é resultado das expectativas criadas mediante a missão criada ao líder. Daí que, o líder é dado o poder para cumprir a missão que foi concedida. Este tipo de dominação legítima é a faculdade mágica, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória, como sustenta (Cohn, 2003, pp. 134).

A dominação carismática uma vez que tem os seus alicerces na missão do senhor carismático pelos dominados, sobre os quais se fundamenta o seu poder, por isso, inverte todos os seus valores rompendo soberanamente com todas as normas tradicionais ou racionais, desconhecendo as disposições jurídicas, regulamentos abstratos e a jurisdição formal (Weber, 2004, pp. 326).

A pertinente deste conceito ou tipo de dominação para nosso trabalho se deve ao facto de mostrar que o fenómeno social que analisamos poder ser tomado como portador da dominação carismática. Por isso, o mesmo não conhece estatutos e instrumentos legais.

3 Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo expomos as nossas opções metodológicas que nortearam a pesquisa. Assim, apresentamos a abordagem, o método, o procedimento e as técnicas utilizadas na realização do trabalho ou análise dos dados.

Para a realização da pesquisa, usámos a abordagem *qualitativa*, visto que, pretendíamos trabalhar com um número considerável de documentos. Como nos ensina Lakatos e Marconi (2007), esta a pesquisa qualitativa é um estudo não estatístico pois, identifica e analisa em profundidade dados de difícil mensuração (os sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, etc.) de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico. Esta abordagem nos permitiu descrever e decodificar os significados das atitudes e reacções da população aderente aos comícios de Afonso Dhlakama.

Usámos o *método dedutivo* porque nos permitiu partir dos factos gerais do fenómeno social de Afonso Dhlakama para os factos particulares da dominação carismática.

O método de procedimento usado neste trabalho foi a *pesquisa documental*, visto que, a mesma, nos permitiu recolher os vídeos na internet para extrairmos as informações ou dados pertinentes para este trabalho. E constatamos que a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Como técnica de pesquisa, usámos a *análise documental*, pois, uma vez extraídos os vídeos, nos pusemos a analisar para descrevermos as atitudes das massas, e os pronunciamentos do líder. Esta etapa de análise dos documentos, produziu e reelaborou os conhecimentos e criou novas formas de compreender o fenómeno social de Afonso Dhlakama. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e fazer a inferência. May

(2004) diz que os documentos não existem isoladamente, mas precisam ser situados em uma estrutura teórica para que o seu conteúdo seja entendido.

O nosso universo de pesquisa foram os vídeos dos comícios populares de Afonso Dhlakama no período de 2013 à 2017, onde verificou-se a sua saída das matas de Gorongosa para realizar os comícios e campanha eleitores, eleições, reclamação dos resultados até ao retorno a pate incerta e por fim até a paz preventiva. Estes vídeos foram extraídos do canal de Youtube, outros retratam reportagens da STV, TVM, Miramar, televisões internacional e outros vídeos são de canais pessoais.

O processo de levantamentos dos dados obedeceu critérios específicos como a *pré-análise* de 34 vídeos, onde identificamos os vídeos dos comícios realizados dentro deste período no período de 2013 à 2017, formulamos a hipótese segundo a qual o fenómeno social de Afonso Dhlakama nos remete a existência do carisma e começamos a preparar o material para a análise. O segundo critério foi da *exploração do material*, onde selecionamos os vídeos que respondiam a um conjunto de 22 comícios classificados por meio de uma *amostra intencional* como sendo pertinentes para o trabalho, e por fim transcrevemos os vídeos ao mínimo detalhe possível. O terceiro e último critério, foi o *tratamento dos pronunciamentos* e atitudes das massas, inferências segundo o nosso quadro teórico e a respectiva interpretação dos dados.

3.1 Constrangimentos da Pesquisa

No decorrer da pesquisa, tivemos como primeiro constrangimento, as dificuldades de obtenção dos vídeos completos dos comícios populares de Afonso Dhlakama. Recorremos a STV, TVM, Miramar e constatamos que as mesmas estacoes televisivas já não disponham das fitas completas dos comícios. Dai que fomos obrigados a recorrer a YOUTUBE para descarregarmos e visualizarmos os vídeos das reportagens nas duas edições de telejornal.

O segundo constrangimento que encontramos teve que ver com a sonegação da informação, pois, o nosso objecto de estudo era um individuo que por um lado, reúne fortes expectativas em algumas pessoas e noutras é visto como o perturbador da ordem pública e causador da guerra. Dai que, os chefes da redação simplesmente não colaboravam na nossa busca pelos vídeos, mostravam um distanciamento mesmo para nos indicarem as outras possíveis fontes de obtenção da informação. Certamente esse constrangimento nos serviu de encorajamento para realizarmos esta pesquisa. O terceiro constrangimento diz respeito a inexistência de

estudos sobre o fenómeno social de Afonso Dhlakama em Moçambique. O que dificultou a revisão da literatura sobre o carisma em Dhlakama.

4 Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados

4.1 Contexto Histórico do Fenómeno social de Afonso Dhlakama

Com declínio eleitoral do partido RENAMO nas eleições presidenciais de 2009 com apenas 16,4% dos votos, no mesmo ano, a criação do MDM por Daviz Simango, que abandonou a RENAMO, fizeram com que Afonso Dhlakama, Líder do Partido RENAMO, abandonasse Maputo (auto-isolamento), a capital Política de Moçambique, para o Norte (Nampula). E mais tarde para no dia 17 de Outubro de 2012, mudou-se para a Serra de Gorongosa, no centro de Moçambique. Essa última mudança ocorreu no mesmo dia em que à 33 anos atrás, os soldados do Governo mataram o seu antecessor André Matsangaissa. Para Beck (2013), *“quando Afonso Dhlakama se retirou para o seu quartel-general da guerra civil, abandonou de facto as instituições de Moçambique e as plataformas democráticas existentes, ou seja, isolou-se da capital Maputo e dos outros actores políticos”*.

Em 2013, Afonso Dhlakama partiu para a chamada “parte incerta” e começou a orientar os ataques a Muxúngue e Rio Save. Mas tarde, percebeu-se que estava em Santudjira. Dai surge a crise político militar que perdurou de 2013 à setembro de 2014, altura em que regressou a Maputo, acompanhado por diplomatas ocidentais, para assinar o Acordo de Cessação das Hostilidades Militares e participar das eleições gerais no mês seguinte.

Neste momento Afonso Dhlakama faz campanha eleitoral e dá inúmeros comícios populares, no sul, Centro e Norte de Moçambique, e posteriormente, a 15 de outubro de 2014 foram realizadas as eleições gerais e presidenciais. Onde a RENAMO saiu vencedora e não aceitou os resultados eleitorais, alegando que venceu em seis províncias, portanto, queria governar. Surgindo a ideia das regiões autónomas. E o vou governar a força a começa a ser uma repetição nas aparições de Afonso Dhlakama e no imaginário colectivo. Com esse discurso estava a ser quebrado o Acordo de Cessação das hostilidades e o consequente reinício da crise político militar em Moçambique.

Face a essa situação, Afonso Dhlakama retoma a “Parte incerta”, e reordena os ataques em Gorongosa, acima disto, começa a dar comícios populares das regiões do Centro e Norte.

Entrou nos distritos com o discurso de que ia governar as províncias onde ganhou eleições e que ia expulsar os governadores e os policias lá existentes. O governo ordenou, o que ficou conhecido de primeira Emboscada em 12 de setembro de 2015, no distrito de Xibate, na província de Manica. Afonso Dhlakama saiu ileso. No dia 25 do mesmo mês, a segunda emboscada contra Afonso Dhlakama, no distrito de Gondola, na província de Manica, onde refugiou-se para as matas de Gorongosa.

No mês seguinte, Afonso Dhlakama, reapareceu nas matas para o encontro com jornalistas, mediadores dos conflitos militares, sociedade civil, líderes Religiosos, secretário, porta-voz e chefe da bancada parlamentar da RENAMO, nas matas de Gorongosa. Este evento serviu para mostrar que estava vivo e de boa saúde, daí que lhes recebeu com um alto sentido de humor, cumprimentando-lhes pelos seus respectivos nomes, como ilustra o seguinte trecho do seu discurso:

“... Essa é que é a unidade nacional, políticos, bispos, reitores, comandantes, dom Diniz Sengulane fez uma pausa e disse: temos que fazer uma oração. Dhlakama com o seu senso de humor: disse já começou o bispo (risos)... e depois Dhlakama fez uma declaração a imprensa: encontraram-me vivo, vivo porque Deus existe! E mandar a mensagem para o povo moçambicano para contar comigo como sempre, lutador deste povo. Não iremos desistir por temer a medo porque quando eu frequentava o meu curso de Ciências políticas, o meu professor dizia: Dhlakama quando doutorar-se, quando temer alguma coisa, ficas refém do teu medo por isso, não tenho medo de morrer, pois, para mim, já morri... quero continuar a trabalhar e não prometo vingar a ninguém. Não tem figuras para eu vingar em Moçambique, o que eu já sou não posso vingar a um ser humano...” (Dhlakama, 09.10.2015).

Este reaparecimento, permitiu que Dhlakama retoma-se a sua residência na cidade da Beira, e contribuiu para o segundo encontro com o presidente da república, Filipe Nyusi. Contudo, o encontro não foi produtivo, daí que Afonso Dhlakama, deu uma teleconferência no dia 12 de Dezembro de 2015, a partir de Satundjira, diante dos simpatizantes do seu partido, jornalistas nacionais e internacionais, onde reafirmou estar de boa saúde e que ia governar em Março do ano seguinte as províncias que ganhou nas eleições gerais e presidenciais, como diz no seguinte trecho:

“... A que fala o presidente da Renamo, Afonso Macacho Marceta Dhlakama, a partir de Satundjira, aqui no nosso estado-maior general (aplausos). Quero agradecer a presença da imprensa, pois, sei que há bastante tempo que não ouviam a minha voz. Estou bem de saúde e dentro do país... encontrei-me com Nyusi, como sabem ele havia-me prometido que ia aprovar o projecto sobre as autarquias provinciais, como manda a democracia, afinal estava

a me enganar, a brincar connosco. Chega de andarmos a ajoelhar a FRELIMO, não manda em Moçambique nem ao povo de Moçambique. Por isso, a RENAMO, vai governar a partir de Março de boa maneira. Vamos ocupar Sofala, Nampula, Zambézia, Manica, Tete, Niassa e cabo delegado vai ficar sozinha lá. Ocupar politicamente...” (Dhlakama, 16.12.2015).

Já em 2016, Afonso Dhlakama, deu sucessivas aparições via teleconferências, para os seus simpatizantes, membros do partido RENAMO, jornalistas e a sociedade moçambicana. E a situação de instabilidade político-militar assistiu se até a paz preventiva concedida por este em Dezembro de 2016 e se prorrogou até meados de 2017.

Dai que nos baseamos nos comícios e aparições que Afonso Dhlakama fez durante o período da parte incerta até a paz preventiva. Neste período ocorreram vários comícios populares, vários debates públicos nacionais e internacionais. Vários posicionamentos da sociedade e das massas em moçambique. É de 2013 até 2017 que levantamos os comícios e analisamos os pronunciamentos de Afonso Dhlakama. Porém, há que realçar que tomamos esse período não como sendo para limitar o estudo a um dado período sem que com isso, queremos dizer que o fenómeno se limita a esse período. Pois, o fenómeno já vem desde o término da guerra dos 16 anos em moçambique com os Acordos Gerais de Paz. O facto que ilustra isso é de que em todas eleições presidências Afonso Dhlakama foi o segundo mais votado.

4.2 Levantamentos do Material de Análise

Fizemos a pré-análise dos vídeos que foram feitos no período de 2013 à 2017. Onde encontramos vídeos de comícios populares, teleconferências de imprensa ou em secção de encontros do partido RENAMO, encontramos entrevistas de Afonso Dhlakama em diversos canais televisivos nacionais e internacionais. E por fim, recorreremos aos escritos de jornais nacionais e internacionais sobre a figura de Afonso Dhlakama neste período que estamos a analisar.

A nossa pesquisa engloba uma amostra composta por 10 comícios populares, 6 teleconferências, 2 entrevistas, 6 notícias dos jornais nacionais e 3 notícias dos jornais internacionais. Conforme ilustra a tabela a seguir:

Nº de Comícios	Nº de conferências Imprensa		Notícia de jornais		Entrevistas em Televisão
	Teleconferência	Conferência	Nacionais	Internacionais	
10	6	6	6	3	2

Transcrevemos e analisamos os Comícios: de Namacurra, de Nampula, de Mocuba, de Mongué, de Majaua, de Caia, da Beira, de Mopeia, de Gorongosa e de Chimoio. Tivemos como teleconferências o da cidade da Beira, da liga da juventude da Renamo, da trégua de uma semana, da trégua de 60 dias (primeira), da trégua de 60 dias (segunda) e da trégua por um tempo indeterminado. As conferências de imprensa presenciais tomamos em consideração são: a dos desmobilizados da RENAMO, que ocorreu em Quelimane, conferência do reaparecimento de Afonso Dhlakama das matas de Gorongosa, Conferência e momento da chegada de Afonso Dhlakama à Maputo, conferência da residência de Afonso Dhlakama na cidade da Beira, conferência de imprensa de Satundjira. Desde modo, totalizam 22 videos transcritos que contem 98 minutos adicionando todos eles. Porém, Também recorremos há notícias do jornal O País, Folha de Maputo, Savana, Canal de Moçambique, A Verdade, Jornal Noticias. E alguns jornais internacionais como DW (Deutsche Welle), Diário de Noticias, RTP.

5 O Carisma de Afonso Dhlakama

5.1 Momentos Chaves

As nossas análises sobre a construção do carisma em Moçambique nos remetem a dois momentos chaves no período por nós estudado: o primeiro momento diz respeito a chegada ou o retorno, no dia 4 de setembro de 2014, de Afonso Dhlakama à Maputo, 5 anos depois de ter abandonado a sua residência. Este momento é pertinente porque mostrou que o líder da RENAMO reúne também simpatias e expectativas na cidade capital.

A imprensa havia construído toda uma imagem segundo a qual Afonso Dhlakama só reunia simpatizantes e seguidores no norte e centro do país, porém, este momento demonstrou que ele é um líder aceite no imaginário colectivo de sulistas moçambicanos. Os Mídias nacionais e internacionais afluíram em massa no Aeroporto de Mavalane, os simpatizantes do partido, a

sociedade civil e a população fizeram aquela recepção calorosa que todos vimos. O jornal Canal de Moçambique escreveu redação com seguinte título “Especial Regresso de Dhlakama: Messias voltou a Maputo”, onde consta:

“Logo as 12 horas, o Aeroporto Internacional de Maputo começa a ter uma movimentação incomum. Crianças, jovens e adultos juntam-se num descampado ao lado da Sala VIP do aeroporto. E o movimento intensifica-se e, num piscar de olhos, já havia um mar de gente, simpatizantes, curiosos, e passageiros que iam embarcar, ou que acabavam de desembarcar, mas que preferiram juntar-se à moldura humana. Entre a população, surge um cartaz que se tornou atracção pelo dia todo: “Dhlakama não é Savimbi. Moçambique não é Angola. Viva Dhlakama”.

Duas horas depois, aterrou um avião:

“A imprensa acotovela-se, e a Polícia começa com a sua habitual “caça ao protagonismo”, naquele empurra-empurra para organizar os jornalistas. Falso alarme. Não havia avião a aterrar nem Dhlakama nenhum. Do outro lado, o povo, alheio a esta bagunça toda, dança ao som de uma canção feita para a ocasião, com o refrão “Dhlakama é o homem do povo” “Está a vir o Messias”.

A medida que o tempo ia passando, mais ficava lotado por uma moldura humana no Aeroporto internacional de Maputo. E as massas se agitavam, cantavam e dançavam sem parar, e o jornal faz uma observação:

“Contrariamente aos eventos do partido no poder em que o chamariz é a comida e músicos financeiramente capturados, ali não foi dada comida de borla nem havia artistas famosos para atrair pessoas. Os cidadãos mobilizaram-se por si, de coração, consciência e alma para verem o líder da Renamo. Passaram fome e frio para testemunhar a chegada do seu “Messias”.

Sensivelmente as 18 horas e 25 minutos, como descreve o jornal em análise, aterrou o avião que transportava o líder:

“Quase todos os trabalhadores do aeroporto abandonam os seus postos e entram para a placa para testemunhar a chegada ou o regresso do “Messias”. O acontecimento contagiou toda a gente. Mas a porta do avião ainda permanece fechada. Abre-se a porta, sai o líder da Renamo, Afonso Dhlakama. Toda a gente presente na zona da placa, incluindo os trabalhadores do aeroporto, que haviam abandonado os seus postos, começam a aplaudir e dizendo - “É o líder. Viva o líder. Está aí o grande velho. O velho Dhlakas está de volta”.

O líder se fazia acompanhar dos embaixadores dos EUA, Grã-Bretanha, Itália e Portugal. Ao sair da “sala vip” disse à imprensa que estava satisfeito com a luta que travou, porque cada moçambicano consegue agora ver que a Frelimo estava a explorar o povo. Disse que a sua luta era para os jovens, para que tenham um futuro menos sofrido do que a sua juventude. A seguir com a sua viatura, em todas as avenidas por onde passava as pessoas aplaudiam, e os motoristas imobilizavam as viaturas, e saudavam-no com buzinas, nunca depois de Samora Machel, um outro cidadão criou agitação semelhante (Guenta, 2014).

Este momento mostra de forma clara dois aspectos de extrema relevância sobre a figura de Dhlakama. Primeiro, quebra a ideia segundo a qual ele é um líder de centro e norte do país, e que por sua vez reúne simpatias e seguidores por lá, ou seja, constatamos que Dhlakama é uma figura de carácter nacional e que é ícone no sul também. O segundo aspecto, é que a imprensa construiu toda uma imagem de um Dhlakama que estava causando guerra e distúrbios no centro e norte, porém, o público demonstrou uma posição de afecto e uma recepção que nenhum outro líder, excepto Samora Machel, terá tido em Moçambique.

O segundo momento chave é o reaparecimento de Afonso Dhlakama das matas “Parte Incerta” ao 9 de Outubro de 2015, catorze dias depois de ter sofrido duas emboscadas por parte das forças do governo. Ele impões a condição segundo a qual só saí das matas se a sociedade civil, a imprensa e os mediadores forem ao seu encontro por lá. Este percorreram mais de 5 horas de tempo (nas matas e montanhas de Gorongosa), perderam-se por duas vezes, e logo chegaram no local do encontro e levaram-no para a sua residência na cidade da Beira.

Este momento nos remete a dois aspectos, primeiro, o líder exigiu que fossem-lhe buscar na mata, algo que é extraquotidiano que demonstra que ele detém poder de decisão e ordem. O segundo aspecto, é que um líder conseguiu mobilizar líderes religiosos, reitores e sociedade civil, de Maputo para as matas de Gorongosa.

5.2 Evidências da Dominação Carismática de Afonso Dhlakama

Max Weber (2004), sublinha a existência de três tipos de dominação legítima que são Dominação legal como sendo a que é encontrado em virtude de estatutos e que o seu tipo mais puro é a burocracia. As pessoas obedecem porque está ou foi estatuído na lei ou regulamentos, ou seja, ninguém está acima da lei. Encontramos a dominação tradicional, que

é em virtude de crenças na santidade de uma entidade comunitária, patriarcal. Obedecem à pessoa em virtude de sua dignidade própria, por fidelidade. O conteúdo das ordens está fixado pela tradição. O senhor exerce a sua vontade de forma pessoal. E por fim, a dominação carismática, que é em virtude do carisma, dotes sobrenaturais, ou de heroísmo de um indivíduo.

Max Weber, sustenta que a dominação carismática é revolucionária na medida em que aparece em tempos de crise e que tem a tendências de se sobrepõe a lei. Ou seja, não obedece nenhuma regra estatuída ou preestabelecida, ele é extraquotidiano. Este é o caso no nosso fenómeno em análise, Afonso Dhlakama. A seguir ilustraremos, os episódios que demonstram uma liderança carismática por parte de Afonso Dhlakama.

O primeiro episódio que analisamos diz respeito à criação de quartéis-generais. Essa medida só é reconhecida pela lei, e os quartéis são criados a mandato do governo, para fins meramente políticos. Contudo, Afonso Dhlakama ordenou que se criassem quartel-general como sustentou no seu discurso em Quelimane:

“Isto está decidido. Dentro de dias. Me perguntas como é? Da mesma maneira que colocamos em Nampevo um quartel, colocamos em Namaíta, colocamos em Mucumbeze, colocamos em Satundjira, em Ncanda, em Muxungué, e portanto, Inhambane e Gaza. Não é questão de perguntar como é? É só dizer no dia X em baixo da árvore X. só que ali ninguém pode experimentar. Qualquer pessoa que vier atacar será respondido e perseguido até onde saiu” (Dhlakama. 22.08.2015).

O segundo episódio foi de dividir o país a partir do rio Save, originando deste modo um clima de tenção com as forças governamentais. Mais uma vez Dhlakama mostrou que é um líder acima da lei, que não obedece nenhum estatuto ou burocracia, evidenciou ser um extraquotidiano, Na ocasião disse:

“Dou sete dias à Frelimo para responder a nossa proposta de governo de gestão. Caso contrario, vou constituir a Republica de Centro e Norte de Moçambique. Ou seja, dividir o país a partir do rio Save e governar nas províncias onde a Renamo Ganhou”

A ideia de criar polícia autónoma, forças armadas autónomas, províncias autónomas também são evidências de um líder que se sobrepõe a lei. Chegou a afirmar que pode e que vai expulsar os administradores e governadores nomeados pelo governo nas províncias onde maior numero de votos. Como descreve o trecho a seguir:

“Eu já estou a governar, só falta correr com governadores, administradores e com os comandantes da polícia, mas esses da polícia como são da segurança pública só podemos correr com eles se por acaso se juntarem a Frelimo”.

O terceiro episódio são as tréguas que Afonso Dhlakama concedeu em Moçambique. No dia 27 de dezembro de 2016, através de uma teleconferência, Afonso Dhlakama decretou uma semana de tréguas.

“Anuncio a cessação das hostilidades militares a partir das 00:00 de quarta-feira. Em todo o território moçambicano, não haverá ataques entre as forças armadas da RENAMO e as Forças Armadas de Moçambique”.

A paz se tornou numa propriedade do líder Afonso Dhlakama, é ele quem decide quando ela deve existir ou não, a duração da mesma depende dele, não obstante essas acções demonstrarem uma dominação extraquotidiana num contexto em que existe uma dominação legal.

“Já foram dadas as ordens às nossas unidades das forças em todas as províncias. Podem andar à vontade. As forças da RENAMO irão cumprir com as ordens e ninguém irá atacar nas estradas ou as instituições”.

O líder Afonso Dhlakama sustentou ainda que senão atacarem as suas forças durante este período que estabeleceu de tréguas, ele pode prolongar esse tempo. Facto que se confirmou no dia 3 de janeiro de 2017, com a chamada primeira trégua de 60 dias, neste caso, a que sucedeu de uma semana. Como demonstra o seguinte trecho: *“A trégua será estendida por mais dois meses. Apesar das forças da Frelimo, durante esta semana, terem violado os sete dias de paz, por parte das Forças de Defesa e Segurança”.*

A terceira trégua foi dada um dia antes do término da segunda, no dia 3 de Março de 2017. Por conseguinte, também tinha a duração de 60 dias. Prestou a seguinte declaração em teleconferência:

“Convidei-vos para vos comunicar e declarar a prorrogação da trégua, a partir das 00:00 de 04 de março, amanhã, para dia 04 de maio deste ano de 2017, vamos ter mais uma trégua de 60 dias”.

“Vamos ter mais uma trégua de 60 dias, para permitir o trabalho dos grupos envolvidos nas negociações, mas também para fazer com que a economia do país funcione, o sossego volte, a paz é sagrada”.

No dia 4 de Maio de 2017, o líder voltou a dar mais uma trégua, neste caso, a quarta trégua. O facto que diferencia esta das demais, é que esta ficou conhecida por trégua indeterminada. Conforme ilustra o seguinte pronunciamento:

“Hoje há uma novidade, porque a trégua será diferente daquelas tréguas que já pude anunciar: estou agora a anunciar a trégua sem prazo. Eu já vinha sempre a dizer, que se tudo correr bem, se o Governo, o Presidente da República, correspondesse, poderia dar a trégua sem prazo”

“Ouvi as pessoas, sobretudo alguns homens de negócios, estrangeiros e nacionais, e ficavam com receio: 60 dias de tréguas? Então pensavam: e se esgotarem os 60 dias, o que é que vai acontecer depois?”.

Para mostrar que a paz é sua propriedade, e que ele está acima de toda e qualquer forma legal, ainda dá ultimatoss ao governo:

“Não significa o fim da guerra, mas significa o início do fim da guerra. Ainda não há o acordo político que significa mesmo o fim da guerra, mas a trégua sem prazo significa que não há disparos”.

Em suma estes episódios, as quatro tréguas, a divisão do país a partir de rio Save à força, a criação de quartéis-generais, mostram como num contexto de dominação legal em Moçambique, o fenómeno de Afonso Dhlakama constrói a dominação carismática, como este pode ser tomado como um extraquotidiano em Moçambique. E que, as suas posições e visões políticas se manifestam no nosso contexto e surtem efeito não obstante serem ilegais.

Mostramos que para além de Afonso Dhlakama ser um fenómeno social em Moçambique, também exerce uma dominação carismática porque por um lado é extraquotidiano, se sobrepondo a lei democrática vigente no contexto social e político de Moçambique e se desligando de qualquer forma ligada a uma dominação tradicional. Afonso Dhlakama como fenómeno detém um poder de impor a sua vontade sobre o outro, e a autoridade, pois, ao impor a sua vontade, o outro (governo, seguidores, simpatizantes) obedece.

6 A Dominação Carismática de Afonso Dhlakama

6.1 Pronunciamentos Não Partidários

Neste capítulo damos enfoque aos pronunciamentos de que nos remetem a um líder que estabelece uma relação específica com as massas, mas não age como representante ou presidente do partido. Essa é uma das características de um líder carismática “*está escrito mas eu vos digo*”, ou seja, existe o partido contudo os seus pronunciamentos demonstram que ele está cumprindo uma missão que lhe foi confiada pelas massas e não pelo partido.

Abaixo vamos ilustrar os pronunciamentos de Afonso Dhlakama que demonstram o posicionamento pessoal e não partidário para com as massas. Por exemplo que ele diz a quando das emboscadas que sofreu pelas forças do governo nas matas “*eu quero aceitar que é o preço que eu Dhlakama escolhi para libertar o meu povo. (pausa) a história dirá*”. O “Eu Dhlakama” patente neste pronunciamento nos remete a um eu subjectivo produto do povo que ele diz pretender libertar. Ai não está o líder do partido Renamo mas, o líder do movimento revolucionário.

Outra aparição demonstra essa tendência “*eu não roubei nada da Frelimo, não devo nada a Frelimo, sou um cidadão independente como eles também (pausa) por que pretendem matar-me?*”. Ser independente implica ser livre, mas isso não proíbe um líder de prestar satisfações ao seu partido, portanto, o ataque é contra ele ou contra o partido? Esse posicionamento do líder Afonso Dhlakama espelha o quão ele estabelece uma relação específica com as massas e não com o partido Renamo.

Outro pronunciamento que tomamos em consideração diz respeito as declarações prestadas por Afonso Dhlakama diante dos membros do partido Renamo, mas que essencialmente exaltam a sua figura e não do partido como instituição que ele pertence. A quando da realização da conferencia nacional dos desmobilizados da Renamo, em Quelimane, ele ofertou 5 milhões de meticais e disse:

“Não é o cheque do partido, é o cheque meu (pausa) é o dinheiro meu como pessoa. Não estou a entregar como presidente da Renamo, pois a Renamo não tem dinheiro para entregar a vocês um cheque de 5 milhões. A Renamo não tem. Está ai o secretário-geral e todos não têm”.

6.1 Capacidade Discursiva inigualável

Como sustenta Loebis (2013), a retórica é a chave de sucesso de um líder, e o carisma é sempre a chave da sua retórica. Ou seja, todos líderes podem ter sucesso nos seus discursos mas, quando este é carismático, o carisma se torna a chave do seu sucesso. Afonso Dhlakama chega a denunciar que que o único líder em Moçambique que tentou ter um discurso que persegue o seu. Todavia, nenhum outro em Moçambique conseguiu tantos seguidores como ele. Ele declara

“Se eu chegar ai milhares e milhares que até podem encher Estádio da Machava sem eu dar bonés e camisetas e nem publicidade como os outros fazem”.

Essa capacidade discursiva o torna diferente dos demais, daí que acaba atraindo uma “Moldura Humana”, enchentes nos seus comícios, daí que Dhlakama chega a afirmar que é o único líder no mundo neste século que consegue reunir milhares de pessoas nos seus comícios. E que,

“Ninguém tem carisma como Dhlakama, Dhlakama é único em Moçambique. No tempo de Samora Machel, era gente obrigada a ir ao comício e fechado não podiam sair. O Dhlakama não! (pausa) eu posso ir amanhã em qualquer sítio são milhares e eu ainda digo: já chega e eles dizem que não chega fale mais, portanto, Dhlakama não pode ser comparado com Samora Machel, estão a ouvir bem?”

6.2 Relação Específica com as Massas

Ann Willner (1984), sustenta que o líder carismático é detentor da arte de persuadir as massas, fazendo elas crerem que o que está sendo dito neste preciso momento é o que confere com a verdade, é o que está acontecendo. Conforme neste trecho, Dhlakama afirma *“eu que estou aqui Afonso Dhlakama, eu vejo que já estamos a governar”*. Não importa se isto é verdade ou não, foi dito, e nós temos que acreditar porque o líder disse e ele não é capaz de nos enganar devido a confiança e afecto que temos para com ele, por isso, em Mongue disse: *“eu não posso enganar a vocês. A Frelimo é que pode enganar a vocês porque rouba votos a vocês, escraviza a vocês, maltrata a vocês, persegui a vocês, odeia a vocês, e eu não posso enganar a vocês”*.

Loebis (2013), afirma que o líder carismático discursa para massas aflitas de uma transformação ou revolução e que ele sente-se como membro dessas massas, só que pelo dom

que detém, foi o escolhido para guiar as massas rumo a materialização dessa missão. Afonso Dhlakama afirma:

“Vocês são escravos da Frelimo, então o Dhlakama tudo que está a fazer é para terminar com a escravatura contra vocês”.

“Jovens, sei que muito de vocês, nasceram depois dos Acordos Gerais da Paz de Roma, de 1992. Esta é a revolução”.

“Eu nasci, o meu pai é régulo Mangunde no mato camponês, não nasci na cidade, vocês podem pensar que eu vivo em Maputo (pausa) eu nasci aqui em Xibabava também sei pegar enxada tirar capim, semear milho, gergelim, eu estamos a ouvir bem? Portanto, sabemos como vocês têm problemas”.

“A Frelimo Sobrevive de roubo dos nossos impostos enquanto vocês nem conseguem comprar sal, estou a me referir a Frelimo que tem barriga (gesticulando), Frelimo cujos filhos, por amor de Deus, ate parece que vou tirar lágrimas, com 25 anos já tem mais de 40 milhões de dólares, não de meticais. Com 25 anos! Mesmo a filha de Guebuza de 33 anos, valentina, ela é tida como a segunda mais rica do continente africano. Estou a mentir? Onde achou esse dinheiro? (gritos) este senhor aqui (apontando para alguém ali), deve ter 70 anos mas nem mil dólares sabe o que é. Então isso não é humilhação!? Não é escravatura isto?”

Willner (1984), sustenta ainda que líder carismático é um homem de convicções. Ele tem que convencer as massas só pelos dotes discursivos para puder continuar com suporte das massas. Dhlakama afirma em comício em Mocuba:

“O regime da Frelimo acabou (gritos)... quem tem caneta pode tomar nota daquilo que estou a dizer para daqui há 30 dias me dizer que Dhlakama estava a mentir, estamos a ouvir bem! Eu não estou a brincar, não tenho receio de qualquer, o meu receio está em você. Quem pode me meter medo são vocês, não é um Frelimo ai (gritos)”

“Estão a ouvir bem? Já estamos a governar, já estamos a governar. (pausa) já não vou prometer que vão governar daqui há uma semana, ou daqui a um mês, pois já falamos isso. Agora já estamos a governar”.

Enquanto dizia isso a população presente no local aplaudia, sorria de felicidade numa tentativa de demonstrar o quão estavam esperando pelo momento, eis que enquanto gritavam. Essas atitudes das massas demonstram que o líder carismático é querido e amado pelo seu povo (Loebs, 2013. Pp. 7). E para além de amarem o líder, acreditam cegamente nas declarações, como sustenta Willner (1984, p. 8), essa é a segunda característica do líder carismático.

Willner (1984), nos ensina que, os seguidores (massas) dão ao líder um compromisso emocional não qualificado. Ou seja, não é de carácter legal esse compromisso, nem de carácter político mas, sim afectivo no sentido de existe um relacionamento forte entre o líder e seus seguidores. Na celebração do 35º aniversário do destacamento feminino da Renamo, o líder pôs-se a lagrimejar comovido pelos cânticos esperançosos que se ouviam na sala de conferência. Os cânticos demonstravam que Dhlakama estamos contigo porque és o nosso líder e em ti depositamos todos os nossos sonhos e aspirações, como ilustrou a reportagem da STV, do dia 07 de Julho de 2015. Esse compromisso emocional é produto de expectativas depositadas no líder e que lhe tornam membro e cabecilha das massas, daí que ele afirma

“Eu não irei trair a vocês, não irei decepcionar a vocês, era preferível eu enforcar-me do que pensarem que Dhlakama tudo que dizia era mentira, está aí a comer com a Frelimo”

A última característica avançada por Willner (1984), diz que os seguidores cumprem incondicionalmente as directrizes do líder para acção, ou seja, os próximos passos a serem dados, são anunciados pelo líderes e as massas as apoiam porque vêm nelas o caminho certo por trilhar.

“Estamos aqui para informar que a brincadeira acabou, dentro de semanas vamos constituir a nossa polícia porque a Frelimo não cumpriu com o combinado de lá em Roma, de criarmos a mesma polícia para trabalharmos juntos. Agora a Frelimo não mete homens da Renamo e eu também não preciso deles. Os impostos serão para contruir Moçambique e não como a Frelimo que come lá em Maputo”.

6.3 Moldura Humana

Existe uma participação demasiadamente considerável nos comícios que analisamos. Vimos uma moldura humana todos sítios por onde Afonso Dhlakama passa. As pessoas anseiam pela sua chegada, logo que se anuncia a sua chegada as pessoas ficam eufóricas e emocionadas porque o líder chegou. Começam a cantar, dançar e a tocar instrumentos musicais em coreografia. Em alguns casos, vê-se pessoas a desmaiarem, e outras a chorarem. Neste preciso momento uns atentaram saudar o líder e os guardas deste tentando impedir. Ele levanta o braço a saudar e este correspondem com gritos de felicidade, como quem diz: Chegou o nosso messias, o salvador. Estamos todos às suas ordens.

Eis que Afonso Dhlakama sobe ao palco, como quem está prestes a representar uma peça, mas desta vez, ele vai representar sonhos, expectativas, utopias de toda uma comunidade ou povo. Ele pega no microfone que está ampliado a um só profissional audível para todos que

estão presente. Ele cumprimenta dizendo: “*bom dia meu povo*”. E eles respondem em uníssono: “*Bom dia senhor presidente*”. E começa com o seu oraculo, tudo improvisado e nada escrito. A medida que vai discursando tudo fica transparecendo que o líder está inspirado como se de uma pregação se tratasse, como se de um mensageiro se tratasse. A população vai ouvindo atenciosamente e se emocionando cada vez mais, respondendo sempre em uníssono os momentos marcantes do discurso do líder. Acima de tudo demonstram que confiam nele e em cada palavra que este fala, e no seu estilo característico e num estado de humor em vida o líder diz:

“...Sou o único líder no mundo, neste momento, que consegui reunir 40 mil a 70 mil pessoas...Ninguém conseguiu neste país, em todo o continente africano ninguém conseguiu isto, nem na europa já não há líder neste século que consiga isto, isto só com Afonso Dhlakama porque o povo de moçambique acredita nele, sou o vosso defensor, sou o vosso trabalhador, sou o vosso servidor, tudo tomando conta a vocês. Eu prefiro morrer em vossa defesa. Nunca, (pausa) nunca irei recuar...”(Dhlakama, 26.12.2015)

Essas palavras são motivacionais e inspiram segurança por parte da população. Constrói-se o fenómeno de Afonso Dhlakama, pois este traz utopias revolucionárias num momento em que as massas criam anseios sobre ele, ou seja, lhe confiam a missão de trazer a tranquilidade e bem-estar comum, o que acontece é que mesmo como discursos belicistas do líder, as pessoas demonstram que confiam nele. Estão ali como actores sociais que compreendem a acção social do líder. Surge a ideia da dominação, que é conferir ao outro as vontades próprias. Existe ali uma relação contínua entre líder e massas.

Quando o líder termina o discurso, o público pede por mais, como se aquela fosse a ultima vez que o vão ouvir a falar. Demonstram que nunca ficam saturados em ouvi-lo. A saída do palco se direcionando à sua viatura, Ford Ranger, ou “by four by four” como ele carinhosamente trata, o público circunda a viatura, tentando cumprimentar, outros tentando tirar fotografias com ele, e por sua vez os seguranças sem dar campo para tal. O líder sobe na parte traseira da viatura, e de braços esticados vai cumprimentando a todos presentes num sinal de que vou mas, um dia volto, num sinal de que vou cumprir com a missão que me confiaram, vou lutar por vós. Encontramos a extraquotidiano, o carisma de Afonso Dhlakama como resultado dessa construção social como diria Max Weber. E também esse carisma é posto em reconhecimento, mediante provas, perante a comunidade à qual pertence (Filho, 2014, p. 241).

Ainda, As massas acreditam por achar nele uma forma sobrenatural ou super-humana. Se o líder declara guerra, o povo não questiona sob que condições sociais e políticas viveram ou que impacto essa decisão trará no processo histórico e económico do país. Simplesmente, porque creem, apoiam e aderem porque o líder assim o falou. Outro dos factores das molduras humanas nos comícios dos líderes carismáticos tem que ver com o carácter revolucionário deste, as pessoas depositam seus anseios no fenómeno social de Afonso Dhlakama para que este possa corresponder. Também por amor que o povo tem ou sente para com ele, como sustentam (Loebs, 2013, pp. 7).

As molduras humanas resultados da visão de um futuro melhor que o líder carismático repisa nos seus discursos. Também são resultados dos riscos pessoais, Afonso Dhlakama abandonou a sua residência em Maputo para enfrentar matas de Gorongosa por fins puramente das massas, cumprir a missão. Sofreu varias emboscadas para em nome do seu povo. Isso contribui para a confiança que Dhlakama conquistou no imaginário colectivo.

Afonso Dhlakama quando chega num determinado sítio, consegue identificar as dificuldades que assolam a comunidade e consegue propor soluções exequíveis. Isso contribui na construção dos banhos de massas e no fortalecimento da relação entre o líder e as massas. Expõe os seus sentimentos, *“sou o vosso lutador, defensor e servidor”*.

6.4 Missão por Cumprir

Todo o líder carismático tem uma missão a cumprir para com as massas que o seguem e acreditam nele. A sua dominação não é exercida atoa, ela é resultado de metas por cumprir para que o seu carisma continue em dia. As massas tomam Afonso Dhlakama como sendo aquela figura que vai trazer a tranquilidade e a transformação politica, social e cultural em Moçambique. Essa transformação pressupõe romper com a máquina da Frelimo e do seu governo, que é a principal causadora da fome, da corrupção, do desemprego, como ilustra o trecho a seguir:

“A Frelimo pilha os vossos recursos para dar dinheiro aos filhos para passearem por Bilene com miúdas a beberem whisky. Também são regionalistas e tribalistas o que faz para uns não faz para vocês, vocês não têm carteiras nas escolas, nem hospitais condignos”.(Dhlakama.)

“O tempo de brincadeiras com a Frelimo já passou, brincamos com a Frelimo em 1994 roubaram deixamos, em 1999 roubaram e deixamos, 2004 roubaram e deixamos, 2009 roubaram e deixamos, agora 2014 para 2015 acabou o regime da Frelimo, o regime

acabou... vocês são escravos da Frelimo, então o Dhlakama tudo que está a fazer é para terminar com a escravatura contra vocês” (Dhlakama).

Carlos Serra (2003), sustenta que a segunda missão do líder carismático diz respeito a produção de utopias, uma tentativa de trazer um futuro estável para a população. *“Vamos construir um estado com uma autonomia democrática e liberdade financeira e económica”*. Este seria espécie de um estado democrático.

De uma forma geral, de acordo com os vídeos dos comícios populares e entrevistas, verificamos que o carisma nos ajuda a compreender Afonso Dhlakama como fenómeno social e que os seus pronunciamentos e acções em comícios populares, fazem as massas acreditarem na existência nele de qualidades extraquotidianas que dificilmente se podem apanhar em outra pessoa. Mas, também constatamos que ele é exerce a dominação carismática em Moçambique, e que portanto, Afonso Dhlakama é um líder carismático.

Considerações Finais

A nossa pesquisa consistiu em compreender o fenómeno social (Afonso Dhlakama) a partir da concepção weberiana de carisma. Foi possível atingirmos os nossos objectivos e validarmos a hipótese segundo a qual Afonso Dhlakama é um líder carismático, pois, a sua liderança é em função das expectativas extraquotidianas que seus seguidores constroem em relação a si (ele) e, por seu turno, tais expectativas moldam a relação entre ambos, onde a autoridade é suportada, graças a uma devoção afectiva por parte dos dominados. Para tal recorremos a teoria sociologia de dominação e aos conceitos de carisma, dominação, dominação carismática e Afonso Dhlakama.

Utilizamos a pesquisa documental como método de procedimento e a análise documental como a técnica para interpretação e análise dos dados. O primeiro passo, foi de mostramos que o carisma de Afonso Dhlakama é uma construção social que data deste o fim dos acordos gerais de paz mas, que no presente trabalho só pegamos um dado período de 2013 à 2017 pois assistiu-se a crise politica e social mais recente.

O segundo passo, foi de levantarmos o material disponível dentro do tempo acima delimitado. O material baseou-se nos vídeos dos comícios populares, entrevistas de Afonso Dhlakama à imprensa, bem como suas conferências de imprensa presenciais e teleconferências. Recorremos também a alguns artigos dos jornais nacionais e internacionais.

Após recolhermos o material para a analise, seguiu-se a descrição do carisma de Afonso Dhlakama onde encontramos dois momentos chaves, o retorno a Maputo cinco anos depois de ter indo residir no norte e centro e o seu reaparecimento depois de ter sofrido duas emboscadas na sua base militar. Estes momentos construíram um conjunto de expectativas no imaginário colectivo dos seguidores de Afonso Dhlakama.

Depois seguiram-se as evidências segundo as quais Afonso Dhlakama exerce uma dominação carismática, ou seja, que está para além da dominação legal. As suas declarações são revestidas duma sobreposição face a democracia que se vive em Moçambique. Vimos que Dhlakama é um “acima da lei” e que as suas intervenções têm um impacto significativo no contexto político moçambicano. Constatamos que a criação de quartéis-generais, a crise político militar, a divisão do país a partir do rio Save e as quatro tréguas são as evidências verificáveis de que Afonso Dhlakama se posiciona muito além do quadro legal estabelecido.

Por isso sustentamos que Afonso Dhlakama o carisma é o conceito mais apropriado para compreendê-lo, não obstante o seu tipo de discurso que lhe define como democrata.

Recorremos as características da dominação carismática para fazermos a ponte de ligação como o fenómeno em análise, Afonso Dhlakama. Constatamos que tem pronunciamentos não como presidente do partido mas como líder das massas, ou seja, quando chega o momento de prometer e lançar alguma ideia ou procedimento a seguir, não se expressa como representante dum partido político daí a existência de pronunciamentos individualísticos. E que o fenómeno de Afonso Dhlakama construiu uma capacidade discursiva diferente dos demais líderes em Moçambique facto esse que contribui para uma relação específica que este tem com as massas que correspondem as suas acções e declarações em comícios populares.

Vimos a existência de moldura humana em todos comícios que Afonso Dhlakama orientou. E essa moldura humana deve-se as missões que este declara e mostra disponibilidade de cumprir. A primeira diz respeito a acabar com o governo da Frelimo e estatuir um estado solido e a segunda missão construir um futuro estável e um estado descentralizado para os moçambicanos. Foi entro dessas características que confirmamos a nossa hipótese segundo a qual Afonso Dhlakama é um líder carismático em Moçambique.

Referências Bibliográficas

- COHN, Gabriel (org). *Max Weber*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DEWEY, John. *Liberalismo, liberdade e cultura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1970
- DEWEY, John. *The public and its problems*. Chicago: The Swallon. 1954
- FAGEN, Richard R. *Charismatic Authority And The Leadership Of Fidel Castro*. The Western Political Quarterly, Vol. 18, No. 2, Part 1. (Jun., 1965), pp. 275-284. 2007
- FERREIRA, Nathália Rocha. *Formas De Dominação Da Massa E Governos Totalitários: (Hitler E Mao Tse -Tung)*. 2008. 69 f. Monografia (Relações Internacionais) - Centro Universitário De Belo Horizonte – UNI-BH. MG, Brasil.
- FILHO, Robson Rodrigues Gomes. *Carisma E Dominação Carismática: Perspectivas Teórico- Metodológicas Do Conceito Weberiano De Carisma E Sua Efetivação Histórica Nos Estudos De Religião*. Revista de Teoria da História Ano 6, Número 11, Maio/2014 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892
- GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, António Carlos. *Como Elaborar Projetos De Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUENTE, Matias. *No dia em que o “Messias” voltou a Maputo*. 2014. Disponível em: <https://m.facebook.com/CanalMoz/posts/704081309660969>. Acessado em 21 Agosto de 2017, às 22:40min.
- HOFFMAN, Bert. *Charismatic Authority and Leadership Change: Lessons from Cuba's Post-Fidel Succession*. IPSR, Vol. 30, No. 3. P. 229 – 248, Out. 2009
- JÚNIOR, Cleonardo Maurício. *Revisando O Conceito De Carisma: Lideres Pentecostais, Entre O Virtuosismo E O Capital Religioso, Da Dominação À Performance*. Revista **Todavia**, Ano 2, nº 2, jul. 2011, p. 42-55

- LANGA, Patrício. *O homem na sociedade ou a sociedade no homem: Ensaio para uma análise sociológica do carisma de Samora Machel.* (no prelo) s/d.
- LOEBS, Bruce. *Charisma: The Key to Hitler's Rhetoric.* Relevant Rhetoric Vol. 4. 2013.
- LÜDECKE, Kurt. *I Knew Hitler*, Jarrolds, 1938, p22-25.
- LUSA. Agência. *Centenas de militantes à espera de líder da Renamo no Aeroporto de Maputo.* 2014. Disponível em: <http://noticias.sapo.mz/info/artigo/1407964.html>. Acessado em 21 de agosto de 2017, 23:06
- MACAMO, Elísio, 2006: 27 de Junho a 3 de Julho, “*Como Pensar Samora*”. In *Meia noite*. Edição Especial 25 de Junho.
- MACAMO, Elísio. *A leitura sociológica: um manual introdutório.* Maputo: Imprensa Universitária, 2004.
- MACAMO, Elísio. *A leitura sociológica: um manual introdutório.* Maputo: Imprensa Uni
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Maria Eva. *Fundamentos da Metodologia Científica.* 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2007.
- MATTOS, Patrícia Castro. *Direito e política: as visões de Weber e Habermas.* 2000. 109 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, UnB, Brasília, 2000.
- MAÚNGUE, Hélio Bento. *Para Uma Sociologia Do Carisma Na Atualidade: Ensaio Para Leitura Do Carisma De Samora Machel.* Em Tese, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan./jun., 2014.
- MORAES, Lúcio Flávio Renault *et all.* *O Paradigma Weberiano da Ação Social: um Ensaio sobre a Compreensão do Sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional.* RAC, v. 7, n. 2, Abr./Jun. 2003. Pp. 57-71
- NGOENHA, Severino. *Machel ícone da 1ª república?* Maputo: Ndjira, 2009.
- PARKIN. Frank. *Max Weber.* Celta. 2 ed. Oeiras. 2000
- REES, Laurence. “*O Carisma de Adolf Hitler: o homem que conduziu milhões ao abismo*”. Editora Leya, Rio de Janeiro, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SERRA, Carlos. *Combates Pela Mentalidade Sociológica*. Imprensa Universitária. Maputo. 1997.

SERRA, Carlos. *Combates pela Mentalidade Sociológica*. Maputo: Livraria Universitária, 2003.

SOPA, António (Coord.). *Samora, homem do povo*. Maputo: Maguezo Editores, 2001.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. *A Dominação Carismática De Fidel Castro (1952-1960)*. 2004. 118f. Dissertação (Mestre em História) - Faculdade De Ciências Humanas E Filosofia, Universidade Federal De Goiás. Brasil, Goiânia.

TEMBE, Duarte. *Samora: o destino da memória*. Maputo: Ndjira, 2000.

VALENTE, Manoel Adam Lacayo. *Democracia em Max Weber*. Brasília a. 41 n. 164 out./dez. 2004. Pp. 149-156

WALLERSTEIN, Immanuel. *Depois De Um Líder Carismático, O Quê?*. Disponível em <http://www.esquerda.net>. Acessado em 4 Abri. 2016.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1995.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Vol. 2. Editora UnB. São Paulo, 2004.

WEBER, Max. *Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política do funcionalismo e da natureza dos partidos*. Petrópolis: Vozes, 1993.

WILLNER, Ann Ruth. *The Spellbinders: Charismatic Political Leadership*. New Haven and London: Yale University Press, 1984.